

DESLOCAMENTO E TRAUMA EM *O VENTO SABE MEU NOME*, DE ISABEL ALLENDE

Shirley de Souza Gomes Carreira¹

Resumo: O artigo tem por objetivo analisar a representação do deslocamento e do trauma em *O vento sabe meu nome*, de Isabel Allende (2023). O romance é construído em planos temporais distintos, o passado, mais especificamente nos anos de 1938 e 1958, e o presente, entre 2019 e 2020. A trama gira em torno de duas personagens principais: Samuel Adler, um octogenário que sobreviveu ao Nazismo ao ser transportado, aos cinco anos de idade, da Áustria para a Inglaterra no *Kindertransport*, e Anita Díaz, que partiu com a mãe de El Salvador em busca de refúgio nos Estados Unidos em 2019, e, após ser presa pela polícia da fronteira, foi enviada a um acampamento para filhos de imigrantes ilegais em Nogales. Para os propósitos desta análise recorreremos a perspectivas teóricas sobre migração, trauma e testemunho.

Palavras-chave: Migração. Trauma. Testemunho.

DISPLACEMENT AND TRAUMA IN ISABEL ALLENDE'S *THE WIND KNOWS MY NAME*

Abstract: This article aims to analyze the representation of displacement and trauma in Isabel Allende's *The Wind Knows My Name* (2023). The novel is built in distinct temporal planes—the past, specifically the years 1938 and 1958, and the present, between 2019 and 2020. The plot revolves around two main characters: Samuel Adler, an octogenarian who survived Nazism by being transported, at the age of five, from Austria to England on the *Kindertransport*, and Anita Díaz, who left El Salvador with her mother seeking refuge in the United States in 2019 and, after being arrested by border police, was sent to a camp for children of undocumented immigrants in Nogales. For the purposes of this analysis, we draw on theoretical perspectives on migration, trauma, and testimony.

Keywords: Migration. Trauma. Testimony.

Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer.

Márcio Seligmann-Silva

¹ Doutora em literatura Comparada; Professora Adjunta da UERJ e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ; Procientista UERJ/FAPERJ. Bolsista em Produtividade e Pesquisa PQ-C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8787-8283>

Introdução

O conceito de trauma é derivado da palavra grega *τραῦμα* (ferida). Inicialmente, foi empregado para designar lesões físicas, porém, com o desenvolvimento da psicologia e da psicanálise a partir do século XIX, passou a ser utilizado para descrever experiências perturbadoras no âmbito das emoções. O trauma ocorre quando uma pessoa é exposta a uma experiência ameaçadora e muito dolorosa, que excede sua capacidade de lidar com ela.

O desenvolvimento da teoria do trauma na psicanálise derivou-se não apenas do impacto das Grandes Guerras, mas também da crescente violência social, das perseguições étnicas e religiosas, da violência familiar e dos maus tratos e abusos contra crianças (Bohleber, 2007).

Dado o caráter subjetivo do trauma e as diferentes formas de reação ao evento que o causou, os modos de enfrentamento são igualmente diversos, tendo, entretanto, como objetivo a ressignificação da experiência. Nesse contexto, a literatura tem se convertido em lócus de perlaboração de eventos traumáticos por meio de narrativas testemunhais, em que os autores registram repressões, genocídios e violações dos direitos humanos, servindo como ferramentas de memória contra o esquecimento.

Seligmann-Silva busca estabelecer uma relação entre literatura e trauma (2002), focalizando, em particular, a reescrita da História do ponto de vista do testemunho, que, segundo o autor, não pode ser confundido com a autobiografia nem com a historiografia, haja vista que soa como um “lamento paralelo que se junta à disciplina histórica para colher os traços do passado” (Seligmann-Silva, 2002, p. 150).

Mas o que dizer das inúmeras obras que, revisitando ficcionalmente os acontecimentos catastróficos da história humana, nos fazem recordar os efeitos traumáticos da violência? Não são o lamento daqueles que efetivamente testemunharam os fatos, ou seja, os testemunhos *superstes*, daqueles que viveram a circunstância e sobreviveram, ou *testis*, da testemunha ocular, como concebia Benveniste (1995), mas podemos dizer que se assemelham ao testemunho *árbit*, daquele que ouve, julga e organiza a história (Sarmiento-Pantoja, 2019).

Este artigo tem por objetivo analisar o romance *O vento sabe meu nome*, de Isabel Allende, de modo a verificar como ele constrói a representação dos efeitos do deslocamento e do trauma na história pessoal de personagens que, em diferentes períodos históricos, vivenciaram experiências traumáticas, direcionando-nos à reflexão sobre as diferentes faces da violência.

A autora, que alcançou reconhecimento internacional com *A casa dos espíritos*, apresenta o entrelaçamento da História com a ficção como aspecto recorrente em suas obras, privilegiando o efeito de eventos traumáticos sobre a memória e a identidade.

Em *O vento sabe meu nome*, Allende constrói uma narrativa que ocorre em planos temporais distintos, o passado, mais especificamente nos anos de 1938 e 1958, e o presente, entre 2019 e 2020. A trama gira em torno de duas personagens principais: Samuel Adler, um octogenário que sobreviveu ao Nazismo ao ser transportado, aos cinco anos de idade, da Áustria para a Inglaterra no *Kindertransport*, e Anita Díaz, que partiu com a mãe de El Salvador em busca de refúgio nos Estados Unidos em 2019, e, após ser presa pela polícia da fronteira, foi enviada a um acampamento para filhos de imigrantes ilegais em Nogales. As histórias das duas personagens se cruzam quando Selenia, uma jovem que integra o Projeto Magnólia para Refugiados e Imigrantes, convence um advogado bem-sucedido a atuar em prol das crianças que foram separadas dos seus pais.

Samuel e Anita respondem aos eventos traumáticos de forma diferenciada e o romance focaliza, em particular, suas estratégias de enfrentamento, bem como o poder da narração na peroração do trauma.

O começo da história: a narrativa do passado

Em uma entrevista concedida à Amy Goodman e publicada no site *Democracy now*, Allende revelou que a inspiração para o romance surgiu de um contato que teve— através da sua fundação— com uma menina de 7 anos, cega, a quem cabia cuidar do irmão de 4 anos, depois que foram separados da mãe na fronteira e enviados a um centro de detenção e, posteriormente, a lares adotivos. O título do romance se reporta ao fato de as crianças mantidas nesses centros serem identificadas por números, o que evoca o procedimento adotado pelos nazistas nos campos de concentração.

Dividido em 15 capítulos, cada qual intitulado com o nome de uma personagem, *O vento sabe meu nome* apresenta duas vozes narrativas: dez capítulos são narrados por um narrador onisciente e cinco são narrados pela personagem Anita.

O romance se inicia com o pânico que se instaurou entre os judeus de Viena desde a invasão nazista, afetando, inclusive, a família Adler, como mostra a passagem a seguir:

Os Adler pertenciam à burguesia secular e culta que caracterizava a boa sociedade vienense em geral e a judaica em particular [...] Rudolf Adler não

era um dos cirurgiões da moda nem professor na antiga Universität Wien, era um médico de bairro, estudioso e generoso, que atendia gratuitamente a metade dos pacientes (Allende, 2023, p.12)

Mediante a intensificação da repressão aos judeus, Rudolf Adler vendeu nominalmente seus bens ao farmacêutico e amigo Peter Steiner para evitar o confisco da casa e do consultório.

Aos poucos, o clima de tensão piorou: Rachel Adler perdeu todos os alunos de piano, as crianças judias eram maltratadas nas escolas, a entrada em alguns locais passou a ser proibida aos judeus, e Rudolf Adler começou a acalantar a ideia de emigrar.

Na noite, de 9 a 10 de novembro de 1938, que passou à História como a Noite dos Cristais, houve uma onda de depredação, saques e espancamentos de motivação antissemita, incentivada pelos líderes alemães nazistas, que seguiu uma certa tradição de violências e expurgos contra judeus, conhecidos como *pogroms*. Os ataques ocorreram por toda Alemanha, que, a essa altura, já incluía a Áustria, anexada por Hitler naquele mesmo ano, e a região dos Sudetos, na antiga Tchecoslováquia².

O propósito dos nazistas era de que a violência parecesse um surto espontâneo de raiva popular contra os judeus. Na prática, o que aconteceu foram atos de vandalismo, incêndios e atos de terror organizados pelo Estado.

Em meio à violência instaurada, Rachel e Samuel, seu filho, foram acolhidos por um vizinho, o coronel aposentado Theobald Volker, que se afeiçoara ao menino. Rudolf Adler, que estava tentando retornar a casa quando o tumulto começou, jamais foi visto pelos seus. Conforme as informações obtidas por Steiner, mesmo gravemente ferido, ele tinha sido deportado para um campo de concentração em Dachau.

Sem saber o paradeiro do marido, Rachel tenta conseguir vistos para emigrar para o Chile. Sexualmente explorada pelo Consul chileno, ela percebe que foi enganada e concorda com o general quando ele propõe enviar Samuel para a Inglaterra com a ajuda da holandesa Geertruida Wijsmuller-Meijer (Harris; Oppenheimer, 2000), que havia conseguido permissão para o resgate de 600 crianças.

Allende situa, assim, sua personagem no contexto da ascensão do Nazismo. O romance registra o momento da despedida de mãe e filho:

A imagem mais persistente do passado, que haveria de permanecer intacta na memória de Samuel Adler até a velhice, foi aquele último abraço desesperado e sua mãe, banhada em lágrimas, amparada pelo braço firme do velho coronel Volker, agitando um lenço na estação, enquanto o trem se afastava. Naquele dia acabou sua infância (Allende, 2023, p.44)

² Cf. em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/kristallnacht>.

A solidão e o trauma da separação deixam marcas indeléveis em Samuel. Em sua solidão, ele se apegava a uma medalha que o coronel lhe dera, afirmando que ela lhe daria coragem quando tivesse medo.

Na Inglaterra, é acolhido por uma mulher que, na realidade, havia planejado receber uma menina de idade suficiente para ajudar nas tarefas domésticas. Por não falarem o mesmo idioma, a comunicação mostrou-se impossível e Samuel entregou-se ao mutismo, sempre encolhido nos cantos, e começou a urinar na cama. Quando seu cabelo começou a cair em mechas, elas raspavam sua cabeça. Não houve, por parte das pessoas que o acolheram, a percepção de que o silêncio, a enurese noturna e a queda de cabelo eram sintomas de um sofrimento psíquico.

Depois de passar por várias casas de família e ser continuamente devolvido, enviaram-no a um orfanato em um subúrbio de Londres. Finalmente, ele foi adotado por um casal *Quaker* que há anos se dedicava a salvar crianças em zonas de conflito bélico, e, pela primeira vez em muito tempo, Samuel voltou a sentir-se seguro.

Quando a guerra terminou, ele tinha 12 anos e desejava saber o que acontecera aos seus pais. A esperança de que estivessem vivos, em meio a imensa massa de refugiados, foi, entretanto, abalada quando assistiu, em um cinema, a um noticiário com imagens dos campos de concentração, das pilhas de cadáveres e de sobreviventes esqueléticos. Por meio da filha de Peter Steiner, que o procurou algum tempo mais tarde, ele, finalmente, descobriu que o pai morrera em Dachau e a mãe e a tia, em Ravensbrück.

Significativamente, toda a história de Samuel é narrada em terceira pessoa, por um narrador onisciente. Essa opção da autora, não apenas enfatiza a impossibilidade de a personagem narrar o trauma, como também permite ao leitor o acesso aos eventos que marcaram a vida de Samuel no papel de ouvinte de uma testemunha *árbitra*, ou seja, como alguém que “ouviu” a narração de um evento traumático vivenciado por outro. A história de Samuel é apresentada ao leitor através do filtro do narrador, que, na condição de mediador, fornece uma visão panorâmica e analítica do que aconteceu.

As narrativas do presente

O trauma da perda de familiares é também o mote das narrativas do presente. Em 2019, Selena Durán busca auxílio no escritório de advocacia Larson, Montaigne & Lambert, no intuito de evitar que crianças filhas de imigrantes indocumentados sejam deportadas.

A existência de centenas de crianças em centros de detenção cujos pais não podem ser localizados pela falta de um registro adequado tem sido abordada em obras de outros autores, como *Solito, a memoir*, de Javier Zamora, em que o autor relata o período em que esteve em um desses locais.

No intuito de convencer os advogados, Selena exhibe uma apresentação em que mostra famílias da América Central na perigosa peregrinação desde seus povoados até a fronteira; as celas de detenção chamadas “geladeiras”, onde os detidos, em maioria pessoas que vinham de climas quentes, ficavam em temperatura baixíssima; bem como os momentos comoventes em que os agentes levavam embora crianças gritando, diante de mães e pais desesperados:

— Bom dia. Trabalho no Projeto Magnólia para Refugiados e Imigrantes — apresentou-se a jovem. — Como os senhores sabem, existe uma grave crise humanitária na fronteira com o México. O governo implementou a política de tolerância zero e ordenou a separação das famílias que chegam para pedir asilo. Isso já estava ocorrendo antes da ordem oficial. Milhares de crianças foram separadas de suas famílias, inclusive bebês lactentes, que foram arrancados dos braços das mães. Coube a mim acompanhar perante um juiz um menino de um ano sem os pais. Ia num carrinho, dormindo (Allende, 2023, o. 77).

O contexto dessa parte da trama remete à uma questão atual, haja vista que os Estados Unidos utilizam uma vasta rede de centros de detenção de imigrantes geridos pelo ICE (Immigration and Customs Enforcement) ou pelo CBP (U.S. Customs and Border Protection), frequentemente operados por empresas privadas, e são inúmeras as denúncias dos atos de violência praticados contra os imigrantes.

O argumento de Selena é contundente: “Quase sem exceção, a criança que se apresente a um juiz sem a devida representação legal é deportada. Quando tem quem a defenda, com frequência consegue asilo” (Allende, 2023, p. 78).

Em particular, Selena se interessa pelo caso da menina salvadorenha Anita Díaz, de sete anos, que está há dois meses em um refúgio. Ela fora detida com sua mãe, Marisol, pela guarda da fronteira. Apesar da explicação de que estavam fugindo de um homem que as perseguia e que havia tentado matar Marisol, suas explicações foram inúteis.

A mãe foi enviada a um centro de detenção no Texas, “uma prisão particular conhecida por maus-tratos e abusos” (Allende, 2023, p. 90). Em seguida, ela foi transferida novamente,

aparentemente devido ao seu estado de saúde, e, desde então, não havia sido possível estabelecer contato com ela. Ao advogado que se ofereceu para dar suporte ao caso, Frank Angileri, Selena revela que Marisol pode ter sido deportada. A partir daí o leitor acompanha os esforços de Selena e Frank para localizarem Marisol e evitar que Anita também seja enviada de volta a São Salvador.

Os capítulos narrados por Anita mostram o seu modo de enfrentar o trauma. Neles, a menina conversa com a irmã, Claudia, sobre os acontecimentos recentes:

Claro que eu me lembro que levaram a mamãe com algemas, mas foi porque sempre fazem assim com as pessoas na Geladeira, é só por um tempo, depois tiram. Não se deve gritar por isso. Eu não pude ver quase nada, mas ouvi os guardas e o barulho das algemas e a mamãe e as outras mulheres da Geladeira gritando e dizendo por que nos tratavam assim, se éramos pessoas decentes, mães com seus filhos, não éramos traficantes nem delinquentes, mas eles nem ligaram. Levaram a mamãe embora, e a única coisa que ela conseguiu me dizer foi pra não me assustar, porque ela ia voltar logo. Não sei se voltou, Claudia, porque tinham acabado de levar ela embora, eles agarraram a gente e enfiaram naquele ônibus (Allende, 2023, p. 102).

Com o desenrolar da história, o leitor descobre que Claudia está morta e que, nessas conversas, Anita se reporta a um lugar mágico, onde elas têm uma vida sem sofrimento:

Já te falei de Azabahr, o reino encantado, onde você e eu somos princesas, a mamãe é rainha e a Tita Edu é a fada madrinha. Não é o céu, é melhor que o céu, porque não precisa morrer pra ir lá. Esse lugar não tem santos nem mártires, só Nossa Senhora da Paz, que é a única que manda. Tem gente viva daquela estrela e visitantes de outros planetas e bichos de todos os tipos, alguns nós conhecemos e outros não existem aqui na Terra. Claro, tem muitos anjos da guarda e anjinhos, porque eles vêm de lá, aquele é o país deles. Tem algumas crianças mortas, mas não muitas, e não se nota, porque é como se estivessem vivas. Azabahr fica numa estrela lá longe (Allende, 2023, p. 103).

A criação de mundos de fantasia e o devaneio são mecanismos comuns de enfrentamento do trauma e se manifestam como um sintoma do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (Weis, 2022). Essa fuga psíquica permite que os aspectos intoleráveis da existência sejam amenizados na medida em que o mundo inventado se apresenta como um refúgio seguro. Em uma passagem próxima ao final do romance, Selena afirma que fora a avó de Anita, Eduviges, quem lhe revelara que a menina tinha começado a falar com a irmã depois do acidente:

Em El Salvador, tinha feito tratamento com uma psicóloga da escola durante uns meses e estava dando os primeiros passos para aceitar a morte da irmã e

recuperar-se do luto, quando teve de viajar aos Estados Unidos. Segundo a avaliação feita em Tucson, ela havia sofrido um retrocesso no desenvolvimento emocional. Precisava de terapia, como todas as crianças separadas das famílias, mas não havia orçamento (Allende, 2023, p. 237).

Conforme Mieke Bal (2021, p.204) argumenta, “sempre que eventos são apresentados, eles o são a partir de certa visão. Escolhe-se um ponto de vista, certa maneira de ver as coisas, [...] quer se esteja falando de fatos históricos [...] ou de eventos fictícios”. Assim, a focalização na narrativa de Anita evidencia os fatos narrados e a percepção que a personagem tem deles.

A capacidade criativa de Anita é interpretada como um dom especial pela avó de Selena, personagem que tem poderes paranormais, como a comunicação com os mortos:

Dora Durán, a menininha de três meses que chegou aos Estados Unidos atravessando o deserto, envolta no xale da mãe, começou a adquirir reputação de vidente por volta dos treze anos. Segundo a bisavó de Selena, aquele talento existia nas mulheres de sua estirpe desde a época dos conquistadores espanhóis do México, mas poucas tiveram a oportunidade de desenvolvê-lo. Em seus desvarios, a anciã contava que ela mesma vivia em diálogo constante com almas ausentes, mas estas não vinham para perturbá-la com seus problemas, como ocorria com Dora, mas para diverti-la com bisbilhotices (Allende, 2023, p.135).

No romance, o Realismo Mágico, uma marca do fazer literário de Allende, está levemente ancorado na paranormalidade de Dora, que havia, inclusive, ajudado a solucionar crimes no passado. Ao conhecer Anita, ela afirma que, um dia, o dom da menina manifestar-se-á plenamente.

A par da interpretação da personagem, o que se depreende do comportamento de Anita é uma tentativa de superação do trauma por meio do escapismo. Ao tentar escapar da violência e da pobreza, Anita e Marisol se tornaram alvo da intolerância do governo estadunidense em relação aos imigrantes. A perda de contato com a mãe, o único elo com sua antiga vida, e o impacto de estar sozinha em uma terra estranha provocam em Anita o desejo de fugir à realidade. O seu sofrimento é agravado pela cegueira, resultante de um acidente com a caminhonete escolar.

Allende enfatiza a vulnerabilidade dos filhos imigrantes por meio da história da personagem. Na tentativa de acolher Anita, em pleno contexto da pandemia, o serviço social do projeto a envia temporariamente a lares adotivos, onde Anita tem duas experiências ruins; uma delas envolvendo abuso infantil, que ela narra da seguinte forma à Cláudia:

Quando mister Rick entrou no quarto muito quietinho, o que me acordou foi o cheiro de correio, mas, antes de ele conseguir fazer qualquer coisa, tapou a minha boca, deitou em cima de mim e começou a dar puxões com a outra mão pra abaixar a minha calcinha, a bufar que nem cachorro, dizendo que, se eu ficasse quieta, ele ia me dar o que eu quisesse, mas, se não, ia me estrangular. Eu não conseguia me mexer nem conseguia respirar, ia morrer sufocada, e ele estava abrindo as minhas pernas e enfiando alguma coisa. Mas então eu consegui morder a mão dele e comecei a gritar com toda força [...] não sei como a Susan apareceu em menos de um minuto, quando o marido ainda estava no chão. Depois eu contei a verdade, e a Susan ficou com mais raiva do que nunca, e mister Rick saiu batendo a porta. Por isso a miss Selena chegou de manhã bem cedinho; acho que foi a Susan que chamou. Por sorte você nem ficou sabendo, menina, você foi a única que não acordou com a gritaria (Allende, 2023, p. 202-203).

Em sua terra natal, a personagem já havia sido alvo de abuso por parte de Carlos, o homem que tentara matar sua mãe. Esses dados, obviamente, pesaram na seleção de um outro lar de acolhimento para Anita. Ao investigar prováveis laços familiares da menina, Frank descobre que ela tem parentesco com uma certa Leticia Cordero, que vem a ser empregada de Samuel Adler.

Leticia é assim apresentada ao leitor no primeiro capítulo em seu nome:

Leticia Cordero tinha cidadania e passaporte dos Estados Unidos, mas, vendendo-a, qualquer um adivinhava que ela provinha de outro lugar; era cor de doce de leite, tinha cabelos pretos, presos num pequeno rabo de cavalo, e traços de indígena. Às vezes lhe perguntavam se pertencia a alguma tribo norte-americana, porque ela falava inglês sem sotaque. Não lhe sobravam raízes em outra terra, as que tinha estavam plantadas na Califórnia. Seu pai lhe dissera que existiam alguns parentes distantes em El Salvador, mas Leticia não conhecia nenhum. De sua própria família só ficaram ela e o pai (Allende, 2023, p.56).

A personagem entrara nos Estados Unidos cruzando a nado o rio Grande, agarrada ao pai, Edgar Cordero em 1982, vinte e quatro dias depois do massacre de El Mozote, em 11 de dezembro de 1981, quando o exército salvadorenho matou mais de 800 civis durante a Guerra Civil de El Salvador. Os efeitos traumáticos e da travessia se traduziram em uma postura de silenciamento: “Não falou sobre o assunto com o pai, enquanto ele estava vivo, porque aquele homem guardou sua dor numa caixa lacrada da memória; achava que só o silêncio manteria aquela dor intacta. As palavras diluem e deformam as lembranças, e ele não queria esquecer nada” (Allende, 2023, p 56).

Essa passagem do texto mostra uma dinâmica complexa das relações entre memória e esquecimento. Enquanto uns silenciam por medo, pela dificuldade de lidar com as lembranças, o pai de Letícia silencia para preservar a intensidade da dor. No mesmo capítulo, o narrador

atribui o silêncio de Leticia à indiferença das pessoas para com os imigrantes da América Central, que, aos olhos dos estadunidenses, “pareciam todos iguais, gente escura e pobre, gente de outro planeta que se apresentava espontaneamente na fronteira com sua carga de problemas”. (Allende, 2023, p. 57). Leticia não estava lá durante o massacre. Internada em um hospital devido a uma úlcera perfurada, soubera pelo pai, único sobrevivente da família, que não havia mais casa para onde voltar:

[...] nem ao governo de El Salvador nem ao dos Estados Unidos convinha que ficassem conhecidos os detalhes do ocorrido em El Mozote e em outros vilarejos da região. Negaram o massacre, impediram a investigação e asseguraram a impunidade dos assassinos. Foi uma orgia de sangue perpetrada por uma operação de militares treinados pela CIA na infame Escola das Américas, no Panamá, para combater os insurgentes da Frente Farabundo Martí. A intervenção dos norte-americanos, em defesa de seus interesses políticos e econômicos, facilitou durante anos a cruenta repressão sofrida pelo país. Na realidade, foi uma guerra contra os pobres, tal como ocorreu em outros países nos tempos da Guerra Fria. Tratava-se de extirpar pela raiz os movimentos de esquerda, em especial as guerrilhas. Em El Mozote não havia guerrilheiros, só camponeses da aldeia e muitos outros que tinham ido para lá, porque, sabendo que os soldados estavam chegando, tinham ouvido dizer que em El Mozote estariam seguros (Allende, 2023, p. 61-62).

O registro da violência em El Mozote explica a necessidade de não esquecer:

No dia seguinte, separaram as pessoas: homens de um lado, mulheres de outro, crianças na casa paroquial, que chamavam de convento. Todos foram torturados, inclusive as crianças, em busca de informações; estupraram as mulheres e depois executaram todos, uns a tiros, outros a facadas; alguns foram queimados vivos. As crianças foram atravessadas com baionetas e metralhadas; depois, eles incendiaram o convento. Os corpinhos queimados ficaram irreconhecíveis. Com o sangue de um bebê escreveram na parede da escola: “Um menino morto, um guerrilheiro a menos.” Também mataram os animais e incendiaram as casas e as plantações. Deixaram os cadáveres estirados, e as brasas, ardendo. Cumpriram perfeitamente sua missão, aniquilaram mais de oitocentas pessoas, metade das quais crianças de seis anos em média. Arrasaram a vida (Allende, 2023, p. 63).

Leticia seguiu sua vida nos Estados Unidos e, anos mais tarde, viúva e com uma filha para criar, tornou-se empregada de Samuel Adler. Quando foi procurada por Frank, não tinha a menor ideia de que havia algum parente seu vivo em algum lugar.

A intervenção de Samuel, cujas lembranças afloraram ante a história de Anita, vence a resistência de Leticia em receber a menina, pois ele sabia bem o que era viver “a infância fragmentado, dividido entre o áspero presente do qual desejava escapar e a nebulosa fantasia de uma família e um lar” (Allende, 2023, p.217).

O desfecho do romance leva à descoberta, já preconizada pela avó sensitiva de Selenia, de que Marisol Diaz está morta. Tendo sido deportada para El Salvador, caíra novamente nas mãos do seu algoz. Seu corpo é encontrado junto aos de outras mulheres assassinadas por Carlos Gómez e seus comparsas. O fato é cautelosamente comunicado à personagem com a ajuda de uma psicóloga, o que não impede um turbilhão de reações desconexas por parte da menina.

A permanência de Anita com Samuel e Letícia, ao final, abre uma via para algo que o octogenário jamais fizera: narrar a própria história.

Ao subir no trem do Kindertransport, suas raízes tinham sido cortadas, ele perdeu pais e avós sem explicação nem despedida. Cresceu esperando. A saudade e a angústia foram os sentimentos mais poderosos daqueles anos. Viveu a infância fragmentado, dividido entre o áspero presente do qual desejava escapar e a nebulosa fantasia de uma família e um lar, que ele alimentava com lembranças cada vez mais vagas de um passado mítico (Allende, 2023, p. 217)

O romance aponta assim para um aspecto relevante da teoria do trauma: a função terapêutica do testemunho. Embora não tenha sido enviado para um campo de concentração, o fato de saber que os familiares morreram nessas condições é um tormento a mais para Samuel. Conforme Bohleber (2007) enfatiza, “o trauma é um *factum brutum* que, no momento da vivência, não consegue ser integrado em um contexto significativo, pois a textura psíquica é rompida. Isto exige condições especiais para sua recordação e posterior integração na experiência de vida atual”. Há que se considerar também que a principal condição para o testemunho é a presença de um ouvinte, de alguém que realmente seja uma testemunha solidária, disposta a ouvir a narração insuportável do outro (Gagnebin, 2006).

No fim de sua vida, Samuel consegue se preencher a lacuna da separação forçada, projetando em Anita, que, igualmente, passara por situações extremas e dolorosas, uma motivação para a sua existência.

Considerações finais

O vento sabe meu nome é um romance que trata de separações, perdas, experiências traumáticas, mas é também sobre a esperança e sobre a empatia com a dor do outro. O abandono da terra natal é um processo doloroso, independentemente da razão que o causa, mas assume um caráter ainda mais profundo no contexto do romance, por se reportar a situações em que,

concomitantemente, os laços entre mães e filhos são rompidos para sempre, de forma abrupta e irreparável.

Significativamente, Allende traz a Shoah para o âmbito da ficção sem fixar-se nos eventos transcorridos nos campos de concentração, focalizando, inversamente, a dor da ausência, a ignorância dos fatos, o desaparecimento sem rastros. O enredo nos mostra que Samuel busca seguir em frente: casa-se, tem uma filha, separa-se e chega ao fim da vida só, em meio a uma pandemia e dependente de uma empregada. A aparente superação do passado pela via do esquecimento, entretanto, não ocorrera de fato. O trauma continuava latente, contido na impossibilidade de narrar, até que a dor de Anita o obrigou a enfrentar seus próprios fantasmas.

Anita, por sua vez, transita entre a incomunicabilidade com os adultos, o diálogo com a irmã morta— que possibilita o enfrentamento momentâneo das lembranças dolorosas— e o escape para um mundo de fantasia. A notícia da perda da mãe é devastadora, seguida de acessos de choro e de fúria, mas, aos poucos, é aplacada pelos cuidados com que a cercam. O epílogo aponta para uma possível superação, visto que os diálogos com Claudia dão lugar a aceitação de que a irmã está no paraíso que Anita inventou, Azabahar, a estrela dos espíritos, e o elo de confiança que estabelece com Samuel resulta em um convite para que ele adentre esse mundo de fantasia.

Em síntese, ambas as personagens foram forçadas por circunstâncias alheias à sua vontade a deixar a terra natal, a cortar laços com familiares, a vivenciar a solidão e o medo. Se Samuel optou pelo silêncio e o esquecimento ao longo da vida, como um modo de obliterar a dor, Anita narra os acontecimentos à irmã morta e busca refúgio em um mundo de fantasia. São duas formas diferenciadas de lidar com o trauma.

Ao engendrar o enredo a partir de eventos vivenciados pelas personagens em diferentes períodos históricos, Allende parece querer demonstrar que ainda vivemos a Era das Catástrofes e, nesse cenário, a violência e a fome são elementos propulsores para milhares de pessoas que veem na imigração ilegal uma oportunidade de sobrevivência. Por meio do romance, ela convoca o leitor a desenvolver um olhar empático, a ser, como argumenta Gagnebin (2006) uma testemunha solidária diante de um dos mais sérios problemas do mundo contemporâneo.

Referências

ALLENDE, Isabel. *O vento sabe meu nome*. Tradução Ivone Benedetti. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

ALLENDE, Isabel. "The Wind Knows My Name": Novelist Isabel Allende on Child Separation from the Nazis to U.S. Border. Entrevista a Amy Goodman. *Democracy now*. 21 jul. 2023. Disponível em: https://www.democracynow.org/2023/7/21/isabel_allende_wind_knows_my_name. Acesso em 01 abr. 2026.

BOHLEBER, Werner. Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. *Rev. bras. psicanál*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 154-175, mar. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000100015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 27 maio 2026.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

HARRIS, Mark Jonathan, OPPENHEIMER, Deborah. *Into the Arms of Strangers: Stories of the Kindertransport*. NY: Bloomsbury, 2000.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1994)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. O testemunho em três vozes: testis, superstes e arbiter. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*. [S. l.], n. 33, 2019. DOI: 10.5902/1679849X35461. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/35461>. Acesso em: 10 mar. 2026.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Literatura e trauma. *Pro-Posições* vol. 13, N. 3 (39) - set./dez. 2002. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2165/39-dossie-silvams.pdf>. Acesso em 18 mar.2026.

WEIS, Carissa N. et al. Emotion dysregulation following trauma: Shared neurocircuitry of traumatic brain injury and trauma-related psychiatric disorders. *Biological psychiatry*, v. 91, n.5, p. 470-477, 2022.

Recebido em: 05/06/2026

Aceito em: 01/07/2026